

## **A CONVERSA COMO FORMAÇÃO NA ELABORAÇÃO DAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES NA REDE MUNICIPAL DE MESQUITA/RJ**

Eduardo Prestes **Massena** – PPGEduc / UniRio

### **Resumo**

Este trabalho é fruto dos resultados parciais da minha pesquisa de mestrado na Rede Municipal de Educação de Mesquita, tendo como foco as reuniões periódicas realizadas pela Secretaria Municipal de Educação de Mesquita (SEMED) com os professores dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Neste *espaçotempo* de formação são discutidos: os usos das orientações curriculares; a violência e a indisciplina presentes na escola; atividades e eventos da Rede. Fazendo uso das ideias de *redes de conhecimento* e de *tessitura de conhecimentos em redes* (OLIVEIRA e ALVES, 2008) em que observamos as estratégias e táticas de re-invenção dos conhecimentos no cotidiano e dos estudos sobre as relações de poder numa pequena cidade (ELIAS, 2000) investigo os Centros de Estudos a partir de conversas, narrativas e dos *registros oficiais* dos encontros. O texto que se revela é uma narrativa que problematiza os currículos e as possibilidades de desinvisibilização e reconhecimento das criações curriculares cotidianas.

**Palavras-chave:** currículo - pesquisa nos/dos/com os cotidianos - relatos e conversas

## **A CONVERSA COMO FORMAÇÃO NA ELABORAÇÃO DAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES NA REDE MUNICIPAL DE MESQUITA/RJ**

Apresento aqui os primeiros resultados da minha pesquisa de mestrado realizada no município de Mesquita, Rio de Janeiro. Esta pesquisa se desenvolve no sistema de educação municipal local e se utiliza da metáfora de redes (MANHÃES, 2004) para discutir a formação dos professores dos Anos Finais do Ensino Fundamental e da captura das conversas ocorridas nos Centros de Estudos. Trabalhei na rede municipal de Mesquita durante aproximadamente seis anos, de abril de 2008 a fevereiro de 2014. Fui professor concursado de Educação Artística, coordenador da área de Artes e posteriormente coordenador dos Anos Finais do Ensino Fundamental tendo

acompanhado o nascimento e implantação dos Centros de Estudo, pensados como política de currículo e de qualificação. Partindo da epistemologia do ordinário de Michel de Certeau, das teorias sobre a fofoca de Norbert Elias e das contribuições dos estudos do cotidiano em educação (SUSSEKIND, 2014) proponho, em meus estudos de mestrado, pensar a conversa como possibilidade de praticar metodologia de pesquisa, formação de professores e currículo.

Mesquita é um município da Baixada Fluminense, possui pouco mais de dez anos, tendo se emancipado do Município de Nova Iguaçu no ano de 1999. Em 2010, a equipe da Secretaria de Educação, criou um procedimento específico para os Anos Finais do Ensino Fundamental: as Coordenação de Áreas. Para cada coordenação foram escolhidos professores efetivos da rede municipal, que passaram a ocupar o cargo de coordenadores pedagógicos e ficaram encarregados de, periodicamente, realizar encontros de caráter formativo com os professores da rede denominados Centros de Estudos (CEs).

As reuniões dos CEs ocorriam em dois turnos, manhã e tarde. A cada encontro o coordenador seguia a pauta elaborada em conjunto com a equipe da SEMED. As áreas de conhecimento estavam divididas em dias específicos, pré-fixados pela SEMED em seu calendário anual. Dessa forma, no período de um ano os professores de uma determinada disciplina, por exemplo, participariam de encontros mensais às segundas-feiras. Algumas áreas do conhecimento possuíam o mesmo dia de reunião e juntavam os grupos para debates mais amplos.

Nesse *espaçotempo* as reuniões, eram conduzidas por um professor efetivo da Rede, coordenador pedagógico, que administrava a pauta elaborada na secretaria de educação em conjunto com a chefia do Departamento de Educação e com a Coordenação Pedagógica dos Anos Finais. O objetivo era discutir as questões urgentes do cotidiano escolar como avaliação, orientações curriculares e o calendário escolar.

Para desdobrar os significados na pesquisa, além das leituras na área de ciências sociais e currículo, tenho buscado os documentos que foram gerados a partir dos CEs: relatórios, trocas de mensagens eletrônicas e documentos emitidos pela secretaria de educação que ampliam as conversas registradas. Busco também por meio de conversas com os coordenadores dos CEs, uma forma de encontrar as pistas (GINZBURG, 1989) que possam ter levado a criação desses encontros pela equipe da SEMED no ano de 2010. O uso (CERTEAU, 1994) da conversa em detrimento da entrevista, mesmo que aberta, se dá por entendermos que a conversa produz mais possibilidades de interação,

desvios, burlas que me permitem encontrar pistas e “pormenores negligenciáveis” (GINZBURG, 1989) aos estudos na estrutura social.

Durante os quase 6 anos de atividade na rede de Mesquita percebi a importância dos encontros e conversas “para o processo de desinvisibilização e reconhecimento das criações curriculares cotidianas” (OLIVEIRA, 2012, p. 103). Das reuniões com os membros da SEMED aos encontros com os professores nas escolas, as informações claramente percorriam as redes com diversos níveis de entrelaçamento que eram tecidas/constituídas por todos os participantes. Ao trazer para os espaços dos CEs, práticas antes invisibilizadas, faz-se emergir outras criações curriculares que contribuem “para a superação das monoculturas do saber formal e da naturalização das diferenças”(OLIVEIRA, 2012, p.103). Esses encontros eram pautados e planejados com antecedência mas no decorrer dos CEs eram re-pautados, transformados e tornavam-se outra coisa, com novos objetivos e desafios. Muitas dessas conversas começavam nos CEs e terminavam num almoço na pensão em frente a escola ou numa lanchonete de Mesquita. Como limitar nossa interação apenas ao espaço de reunião? De certa forma era impossível controlar as limitações dos assuntos que cruzavam os espaços de trabalho com a experiência de vida de cada um. Surgiam histórias de outros tempos, amigos em comum, escolas em comum, metodologias e maneiras de trabalhar ora muito parecidas, ora bastante divergentes, diversidades que aparecem nas conversas e que apertam ou afrouxam os fios das redes que formam e apoiam cotidianamente o trabalho, hegemonicamente entendido como solitário, do professor.

Para puxar os fios que possam permitir um mergulho no processo da criação dos CEs é necessário recuperar relatos e histórias que antecedem a criação dessas reuniões e sua instauração na rede de Mesquita. Assim como Manhães (2008), concordo que

“...as ações e os processos constitutivos desses enredamentos serão percebidos na sua articulação em nível social e histórico. Neste sentido, a compreensão destes cotidianos deve possibilitar o acesso, a partir deles, à compreensão do social num sentido mais amplo, bem como incluir como centrais os aspectos determinantes da sociedade sobre aquele cotidiano.” (p. 80)

Mas se em Mesquita houve uma produção, uma autoria criada a partir dos CEs, por que esse movimento não ganhou força e nem se expandiu para outros lugares? Por que essa prática se manteve invisibilizada, quieta, silenciada? A produção em mesquita não foi “serial” nem industrial. A produção dos CEs é do tipo artesanal, requer um “mergulho”, uma aproximação *nildalvesiana* com “todos os sentidos” (ALVES, 2001).

Requer notar o auditório da escola X e suas cadeiras presas ao chão que nos impediam de formar círculos, do som dos alunos que vinha do corredor e vazava pela porta empenada e por isso sempre mal-fechada. Essas perguntas justificam o meu caminho em optar pela pesquisa nos/dos/com (OLIVEIRA e ALVES, 2008; GARCIA, OLIVEIRA, 2014; SUSSEKIND, 2011, 2014) os cotidianos.

Ao escolher pesquisar a Rede Municipal de Educação de Mesquita, assumi a responsabilidade de não fazê-lo utilizando somente números, questionários ou análises estatísticas que no máximo me deixariam a par de algumas questões específicas. Lembro das conversas que precediam os CEs, nos re-encontros que cada reunião promovia e na riqueza dos relatos das práticas trazidas pelos professores. Assim como Elias (2000) ao criticar as pesquisas meramente estatística, concordo que:

Parecem achar muitas vezes que somente ela é capaz de trazer a certeza impessoal que se espera de uma pesquisa sociológica. As afirmações que não se pautam em medidas de propriedades quantificáveis são comumente descartadas como ‘fundadas em impressões’, “meramente descritivas” ou “subjetivas”. (pg.56)

Esta pesquisa se propõe, desde seu início, a estar do lado de dentro, a trocar, conversar e escutar as diversas vozes que tecem/bricolam (SUSSEKIND, 2014) uma realidade no universo mesquitense. Como opção político-epistemológica, procuro superar as generalizações e num movimento que não é contrário, mas complexo, texturizado, contextualizado, *rizomático* (DELEUZE e GUATARRI, 1995), irei buscar a autoria que se apresenta nos relatos dos “comuns” (CERTEAU, 1994). As relações engendradas pelas conversas me permitem andar pela cidade com o Walter, responsável pelos equipamentos de som utilizados nos CEs, e conversar sobre o grupo de escoteiros que comanda, emendar na forma como montará os equipamentos na sala de aula e brincar com o fato de ele ter nascido na mesma cidade de Caetano Veloso. A conversa não respeita uma lógica padrão nem está presa eternamente a apenas um assunto. Elas percorrem um vasto campo de assuntos que se alternam, que se interrompem, que abrem novas portas a todos os instantes. Assim, nas conversas com os coordenadores/ex-coordenadores, traço novas possibilidades, chego a outros sujeitos, amplio a noção de rede na qual sobrevivem os acontecimentos geradores dessa pesquisa e desdobro os significados das práticas de formação e currículo. Os pensamentos meus e de Walter, conversando sobre o “ser professor”, se espraiam como um rizoma, sem controle, para muitos lados e possibilidades interpretativas e permitem “caçar a laço” (CERTEAU,

1994) ideias sobre currículos e formação profissional.

Qual a realidade que se pretende fazer emergir numa pesquisa em educação? Que autorias buscar para tecer esse novo que não está visível?

Percebo nesse ponto a responsabilidade de direcionar essa pesquisa, fazê-la contar uma realidade que se esconde por traz dos números (estatísticos) oficiais e pelos estereótipos criados a respeito da Baixada Fluminense. Assim, como Sussekind (2014) penso que:

Existe uma longa história de debates dentro da própria teoria da ciências sociais sobre a relação sujeito/objeto, sobre a *démarche* interpretação/análise, sobre neutralidade da pesquisa e sobre o que é realidade. Os estudos *nos/dos/com* os cotidianos em educação tomam como premissa a inexistência da realidade como algo dado *a priori*. Não existe realidade para além daquilo que é narrado, contado, relatado, interpretado. A interpretação dos relatos também cria realidade.

Faço portanto, a opção pela conversa na busca da realidade que se descortina, inventa e esconde no cotidiano dos CEs. Essas conversas não se restringem ao espaço dos CEs, vão além, unem relatos, práticas e *escrevinhações* (SUSSEKIND, 2014), histórias, memórias, trajetórias. Nessa trajetória me permito rever antigos companheiros de trabalho, cantar, recontar histórias e passear por espaços antes destinados apenas ao trabalho. Conto com a solidariedade dos que cedem suas casas para os encontros e que comparecem cheios de histórias e lembranças. Assim, vou juntando os pedaços e tecendo a rede que *expande uma* realidade invisibilizada pelo modo hegemônico de ver. Assumo a impossibilidade de pesquisar solitariamente e busco, assim, a companhia de todos os outros autores que me ajudam na concepção deste trabalho, solidariamente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: OLIVEIRA, Inês B.; ALVES, Nilda. A Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2008.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. As artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed 34, 1995.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais. Morfologia e História*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

MANHÃES, Luiz C.S. *Redes e formação de educadores*. In: AZEVEDO, Joanir G. de; ALVES, Neila G. *Formação de professores: possibilidades do imprevisível*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *O currículo como criação cotidiana*. Petrópolis: DP et Alii, 2012.

SUSSEKIND, Maria Luiza. *O estágio como entrelugar nos relatos de formação*. In: Maria Luiza Sussekind; Alexandre Garcia. (Org.). *Diálogo e formação de professores; Universidade-Escola*. Petrópolis: DP et Alii, 2011.

\_\_\_\_\_, As (im)possibilidades de uma Base Comum Nacional. *Revista E-curriculum*, São Paulo, v.12, n.03, p.1512-1529, out./dez.2014. Acesso: <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/21667/15917>

\_\_\_\_\_, *As artes de pesquisar nos dias com os cotidianos*. In: OLIVEIRA, Inês B.; GARCIA, Alexandra (Org.). *Aventuras do conhecimento: utopias vivenciadas nas pesquisas em educação*. Petrópolis, RJ: De Petrus; Rio de Janeiro, RJ : FAPERJ, 2014.